

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

183

INSCRIÇÕES 682-684



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES

COIMBRA 2019

ISSN 0870-2004

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Dos fascículos 1 a 66, inclusive, fez-se um CD-ROM, no âmbito do Projecto de Culture 2000 intitulado VBI ERAT LVPA, com a colaboração da Universidade de Alcalá de Henares. A partir do fascículo 65, os volumes estão disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

José d'Encarnação

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

Instituto de Arqueologia
Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes
Faculdade de Letras | Universidade de Coimbra
Rua de Sub-Ripas | Palácio Sub-Ripas
P-3000-395 COIMBRA

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:



MOSAICO COM INSCRIÇÃO NA *VILLA* ROMANA DE
S. SIMÃO, PENELA

A *villa* romana de S. Simão faz parte do território do antigo *municipium* de *Conimbriga*, *Conventus Scallabitanus*, província da *Lusitania*. A *pars urbana* da *villa* localiza-se no adro, na via pública e nos terrenos adjacentes à Capela da Senhora da Graça, em S. Simão, no vale do Rio Dueça, concelho de Penela, distrito de Coimbra.

O sítio foi referenciado a primeira vez no jornal *O Século*, em 1901, e republicado n’*O Archeologo Português* em 1902 (ed. 1903), por Pedro A. de Azevedo¹. A descoberta, referida como um “Importante achado archeologico”, menciona a descoberta de mosaico romano por várias pessoas em épocas anteriores, nos terrenos agrícolas em redor da Capela da Senhora da Graça. Contudo, este registo perdeu-se na memória coletiva, ficando apenas a reminiscência de um convento ou cidade (*ibidem*, p. 60).

Apesar de o sítio de São Simão ser referido por alguns autores na década de 80 – Salvador Dias Arnaut², Miguel

¹ AZEVEDO, Pedro A. de, «Notícias archeologicas», *O Archeologo Português*, 7, 1902, p. 58-67.

² ARNAUT, Salvador Dias (2009), *Penela – História e Arte*, Penela, p. 94.

Pessoa³ e Jorge de Alarcão⁴ – como um local conhecido pela existência de mosaicos romanos, o certo é que se desconhecia a localização correta. A sua redescoberta ocorre, pois, somente em 2001, durante a construção do muro de suporte do adro da Capela da Senhora da Graça. Após algumas contrariedades na escavação e consequente estudo, só em 2016 se dá início ao PIPA “O Sítio Arqueológico de São Simão”.

Os materiais encontrados – as *sigillatas* hispânicas e um conjunto bastante razoável de numismas datados de séc. III a IV – indicam-nos que a *villa* terá sido ocupada entre o século II e o V d. C.

Na escavação da *pars urbana* foram identificados vários compartimentos (um corredor, o *triclinium*, alas do *peristylum*, o *impluvium*, a cozinha?) e algumas divisões às quais ainda não conseguimos atribuir uma função específica, nomeadamente aquelas onde estão localizados os mosaicos 5, 6, 11 e 13 (FIGS. 1 e 4).

O programa musivo da *villa* exhibe um conjunto apreciável de mosaicos, até agora num total de 13 painéis, que decoravam as diversas áreas na *pars urbana*. O panorama iconográfico é muito distinto: os pavimentos do *triclinium*, do corredor e das alas do *peristylum* (os mosaicos 3, 4, 7, 8, 9, 10 e 13, respetivamente) apresentam motivos geométricos simples e bicromáticos (branco e preto), em contraste com os painéis 1, 2, 5, 6, 11 e 13 que ostentam composição geométrica elaborada com uma paleta de cores variada. Esta diferença parece-nos apontar para, pelo menos, duas fases construtivas da *villa*, que correspondem a alterações nos programas decorativos, assim como um maior cuidado

³ PESSOA, Miguel (1986), «Subsídios para a Carta Arqueológica do período romano na área de Conimbriga», *Conimbriga*, 25, p. 53-73; *Idem* (2005) «Contributo para o estudo dos mosaicos romanos no território das *civitates* de *Aeminium* e de *Conimbriga*, Portugal», *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 8/2, p. 363-401; PESSOA, Miguel; RODRIGO, Lino; VICENTE, Sónia (2001), *Relatório da villa romana de S. Simão*; PESSOA, Miguel e VICENTE, Sónia (2004), *Relatório da villa romana de S. Simão*.

⁴ ALARCÃO, Jorge de (1990), «A paisagem rural romana e alto-imperial em Portugal». *Conimbriga*, 29, est. VIII, p. 98.

e mais pormenor na elaboração dos mosaicos numa segunda fase. No entanto, não é este o único revestimento existente na habitação, uma vez que também identificámos pavimentos em *opus signinum*, que revelam outras opções construtivas, mais simples e económicas de executar, em caso de restauro ou de reforma da habitação.

A oeste, na divisão contígua ao *peristylum*, existe um compartimento com dois pavimentos musivos em cotas distintas. Originalmente, o pavimento (mosaico 11) era visível do *peristylum* através de uma porta que, em determinada altura, foi fechada. Não sabemos, ainda, como se faria o acesso a este compartimento posteriormente ao fecho da entrada original, dado que as escavações nesta área não estão concluídas.

O “mosaico 11” (FIG. 2) foi elaborado com *tesserae* miudíssimas criando uma composição central graciosa, onde sobressai o rigor e o cuidado, revelando, de certa forma, a importância deste compartimento, ao qual não conseguimos atribuir, ainda, uma função. A descrição que se segue é provisória, tendo em conta a futura continuidade dos trabalhos arqueológicos no local.

O painel central é cercado por duas molduras, do exterior para o interior: a primeira tem barra de *cheverons*, em oposição de cores (branca e preto), logo seguida por composição reticulada de quadrados com estrela de oito losangos⁵; segue-se a estas molduras uma barra de tesselas brancas, marcando a transição para o painel central.

O mosaico central é composto por uma moldura de ondas com fundo em *dégradé*, policroma⁶. Ao centro, composição policroma de círculos grandes e pequenos, tangentes, executados com tranças de três fios, formando, possivelmente, octógono irregular côncavo, ao centro⁷. No interior do círculo maior, um florão formado por quatro

⁵ BALMELLE, Catherine *et alii* (1985), *Le Décor Géométrique de la Mosaïque Romaine – Répertoire graphique et descriptif des compositions linéaires et isotropes*, Paris. A pl.176e, p. 272-273, apresenta uma variante.

⁶ BALMELLE, o. c., pl. 60g, p. 110.

⁷ BALMELLE, o. c., pl. 236b, p. 369, é variante.

cálices bífidos com apêndices.

A entrada do compartimento, agora fechada, é marcada por uma linha de quadrados denticulados espaçados regularmente entre si, seguida de uma inscrição em duas linhas (Fig. 3): as letras em tesselas rosa escuro, o contorno e o preenchimento do campo epigráfico a tesselas brancas. A inscrição foi alvo de uma intervenção de restauro executada ainda na época romana, em *opus signinum*. A necessidade de colmatação de lacuna terá existido, possivelmente, por se tratar de zona da passagem, ou mesmo, quiçá, por fazer referência a algo ou a alguém que se quis eliminar. O compartimento revela também problemas associados à movimentação de águas no solo e à proximidade da linha de água, que originaram algumas deformações na superfície do *tesselatum* e o destacamento de tesselas, agora intervencionado por nós.

Campo epigráfico: 18 x 110 cm.

Lê-se:

[...]EFE [...]CALIGIS
CATVR[...]DEO

Altura das letras: l. 1: EFE = 6,9; C = 5 [?]; A = 6,5; L = 8,5; I = 6,9; G = 8,5; S = 7,6 cm. L. 2: C = 6,8; A = 6,7; T = 7; V = 6,9; R = 6,8; D = 7; E = 6,9; O = 6,4 cm. Espaço entre a linha 1 e 2: 0,9 cm.

Bem enquadrada num rectângulo, a epígrafe apresenta-se com caracteres actuários, a denotar que o cartão poderá ter sido escrito não com rigor geométrico, mas quase à mão levantada e assim passado para o *tesselatum*. Veja-se: a segunda barra do F ligeiramente acima do meio da letra; a inclinação do A antes do L, também ele de barra oblíqua, como acontece de seguida com o G, a fim de se poupar espaço; S não simétrico; na l. 2, A de reduzida dimensão; V de larga abertura; o espaço deixado após o D, para não colidir com a perna do L. O mosaicista estudou bem a paginação.

Na l. 1, o primeiro E reconstitui-se sem lugar para dúvida, quer por comparação com a barra inferior do seguinte, quer porque se enxerga a ponta final da barra intermédia. Antes,

haverá lugar apenas para uma só letra, se tivermos em conta que, em baixo, na l. 2, CA se mostra apertado; quando muito, duas, também apertadas. O remendo a que se fez referência retirou tudo o pré-existente – eventualmente, cinco caracteres em ambas as linhas –, mas não parece ousado reconstituir, no fim dele, na l. 1, o C, de que se enxerga uma porção da sua curvatura superior, muito idêntica à do G seguinte, cuja identificação é segura⁸. Assim, a palavra *Caligis* torna-se susceptível de ser uma boa leitura.

Na l. 2, a possibilidade de a 5ª letra ser R baseia-se na circunstância de nos parecer ver boa parte da perna que completaria essa letra. CATVR, numa inscrição funerária da área lusitana, incitar-nos-ia, de imediato, a reconstituir um antropónimo com esse radical: *Caturo*, *Caturus*, *Caturicus*, nomes assaz documentados epigraficamente⁹. Parece-nos, porém, não ser este o ambiente. Por outro lado, no léxico latino só encontramos com esse radical o etnónimo *Caturiges*, a identificar um povo da Gália. Também poderia ser CATVP; contudo, a dificuldade mantém-se: não há palavra latina que comece assim.

No final, DEO levar-nos-ia a ver aí o dativo ou o ablativo de *deus*, hipótese que, naturalmente, implicaria duas conclusões: ou estávamos perante um mosaico de ambiente cristão e *Deus* era o Deus único, ou se trata do adjectivo deificante de um teónimo desaparecido com o remendo.

Chegados a este ponto, importa reflectir sobre que tipo de inscrição aqui poderemos ter.

Ocorrem-nos dois paralelos.

Prende-se o primeiro com o habitual voto: *utere felix!* «Usa com felicidade». Teríamos desta sorte, no início, VTE(re) FE[LIX].

O segundo é sugerido pelo significado da palavra *caligis*. Usando botas grossas, da tropa, depressa o mosaico se deteriorará; portanto, poderia haver à entrada uma

⁸ Igual ao apresentado no nº 5, Fig. 9 (p. 12) de BATTLE HUGUET (Pedro), *Epigrafia Latina*, Barcelona, 1946. 2ª edição, 1963.

⁹ Veja-se VALLEJO RUIZ (José María), *Antroponimia Indígena de la Lusitania Romana*, Vitoria-Gasteiz, 2005, p. 267-271 *et passim*.

recomendação de que, para bem se usufruir do mosaico, haveria que descalçar essas botas: VTE(re) FE[LIX SINE] CALIGIS. A recordar a recomendação de Torre de Palma: *Scopa aspra tesseram ledere noli. Utere felix*¹⁰. A palavra *caliga*¹¹ foi de mui escassa utilização: ocorrerá apenas quatro vezes em textos clássicos, uma das quais no *Satiricon*, de Petrónio (69, 5): «Tanto melhor inquit Massa dono tibi caligas», «Tanto melhor, Massa, disse [Habinnas], dou-te umas botas!». Em Séneca, *caliga* tem mesmo o sentido figurado de exército, vida militar, nomeadamente quando fala de Mário: «Marium caliga dimisit consulatus exercet» (*De Brevitate Vitae*, 17, 6); «C. Marius ad consulatus a caliga perductus» (*De Beneficiis*, 5, 16, 2).

Uma pesquisa na base de dados epigráficos de Clauss¹² pela palavra «caliga», mantém-nos nesse ambiente militar, mediante a identificação de *caliga* com o serviço no exército: *caligavit tot annis...*

Seria, pois, deveras curiosa a possibilidade de esta interpretação estar correcta. Mais: se também, em vez do significado concreto, entendêssemos *caliga* nesse âmbito militar. E teríamos aqui um voto de paz, o desejo de felicidade sem guerra.

Quanto à l. 2, permanece para nós, por enquanto, no mundo do mistério, inclusive porque se não logrou ainda perceber que tipo de mensagem ali poderá estar: o nome do proprietário? Esconjuro sob a invocação de uma divindade? Não se resistiria, porém, a avançar uma hipótese passível de suscitar as maiores e válidas objecções, por se apelar a uma divindade que nada tem a ver com o panteão da Hispânia romana: CATVRIGI MARTI DEO. Um ablativo absoluto

¹⁰ IRCP 602.

¹¹ Conta Suetónio, na biografia do imperador Calígula: «O nome [de Calígula] deve-o ele a um gracejo militar, pois foi criado no meio de soldados, vestido de soldado raso», pois *caligula* é o diminutivo de *caliga*. Cf. Suetónio, *Os Doze Césares*, Lisboa, Editorial Presença, 1979, p. 157 [Tradução e notas de João Gaspar Simões].

¹² <http://www.manfredclauss.de/gb/>.

(‘sob a protecção do deus Marte Caturígio’) ou um dativo (‘ao deus Marte Caturígio’). Adequava-se ao espaço e até – se quisermos forçar a nota, retomando uma ideia atrás expendida – justificava a razão de, por estar mencionada uma divindade estranha, a determinado momento, a sua identificação ter sido apagada. A *damnatio memoriae* não de uma pessoa mas de uma divindade alheia!

Para além desse carácter alheio à Península Ibérica, outra objecção de peso é o facto de a expressão que surge nas inscrições (por exemplo, na Germânia Superior, CIL XIII 5046) é *Marti Caturigi*. Se calhar, por estas bandas ocidentais, não se sabia lá muito bem como é que esse Marte se designava!... E a junção da palavra *deo* ganha justificação para acentuar o seu carácter divino, como amiúde se tem salientado quando se trata da *interpretatio*, por parte dos indígenas, de divindades romanas às quais associam as suas, autóctones¹³.

Caturix era uma divindade do panteão gaulês, concretamente dos Helvécios¹⁴; segundo Ludivine Péchoux¹⁵, integrava o culto doméstico, dado que as inscrições que lhe foram dedicadas se identificaram em *villae* galo-romanas, característica que, de resto, não seria caso único na Lusitânia, atendendo ao facto de também se haver encontrado na *villa* de Torre de Palma um baixo-relevo com a figura de Marte e uma inscrição que o menciona; Scarlat Lambrino chegou a formular a hipótese de se tratar aí não do deus da guerra propriamente dito, mas de uma divindade da agricultura, em luta contra os flagelos atmosféricos que atormentam os agricultores (IRCP 568).

¹³ LAMBRINO (Scarlat), «Les cultes indigènes en Espagne sous Trajan et Hadrien», *Les Empereurs Romains d’Espagne* (Actes du Colloque International sur les Empereurs Romains d’Espagne – Madrid, 1964), Paris, 1965, p. 226.

¹⁴ AE 2006 918; LUGINBÜHL (Thierry), «Mars Caturix: *numen* et sanctuaires du Mars helvète», in BROUQUIER-REDDE (Véronique) *et alii* (eds.), *Mars en Occident. Actes du Colloque International autour d’Allonnes (Sarthe), Les Sanctuaires de Mars en Occident* [Le Mans, 4-6 Juin 2003] Rennes, 2006, p. 63-72.

¹⁵ PECHOUX (Ludivine), *Les sanctuaires de périphérie urbaine en Gaule romaine*, Montagnac, 2010, p. 87 e 353.

Escusado será dizer que são argumentos passíveis de validar a nossa hipótese; mas não insistiremos nela. Contudo, recapitulando, de acordo com as hipóteses sugeridas, teríamos a nossa proposta de reconstituição assim:

VTE(re) FE[LIX SINE] CALIGIS / CATV[RIGI
MARTI] DEO

«Usa com felicidade, sem botas! Sob a protecção do deus Marte Catúrigo».

Convenhamos, na verdade, apesar de tudo, que o deus Marte não iria mal com... as botas militares!...

SÓNIA VICENTE*
ANA LUÍSA MENDES**
FLÁVIO SIMÕES***
MÁRIO DUARTE****
JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

* Arqueóloga – Museu da *villa* romana do Rabaçal / Município de Penela.

** Conservadora-Restauradora – Museu da *villa* romana do Rabaçal/ Município de Penela.

*** Antropólogo – Associação de Amigos da *villa* romana do Rabaçal.

**** Historiador de Arte – Município de Penela.

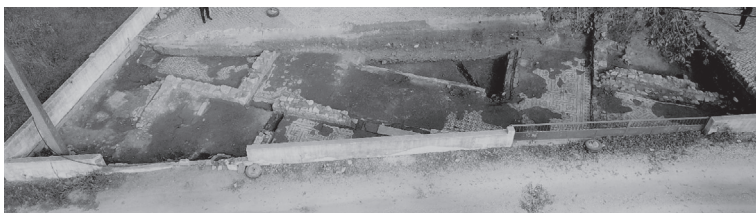


FIG. 1 – Área escavada em 2017 e 2018.



FIG. 2 – Compartimento do mosaico 11.

DOS NUEVAS INSCRIPCIONES
DE BURGUILLOS DEL CERRO (BADAJOZ)

Burguillos del Cerro (Badajoz) se encuentra en la confluencia de los ríos Bodión y Ardila, a medio camino de las poblaciones de Zafra y Jerez de los Caballeros. Este espacio, que en la Antigüedad perteneció al *conventus Hispalensis*¹, cuenta con la particularidad de que carece hasta la fecha de alguna ubicación dónde pudiera erigirse algún núcleo urbano, pese a contar con una de las mayores concentraciones epigráficas de la región, donde se incluirían Fregenal de la Sierra, Medina de las Torres y Jerez de los Caballeros, en cuyos términos se han situado los *oppida* plinianos de *Nertobriga Concordia Iulia*, *Contributa Iulia Ugultunia* y *Seria Fama Iulia*. Pese a ello, desde hace varios años viene situándose en Burguillos del Cerro el *oppidum* de *Segida Restituta Iulia*, en parte debido a esta alta concentración epigráfica².

En el último lustro se ha incrementado el número de epígrafes documentados con la aparición de tres *cupae*³, así como

¹ PLINIO NH, III, 13-14.

² A. M. CANTO DE GREGORIO «Noticias arqueológicas y epigráficas de la Beturia Céltica», *CuPAUAM*, 18, 1991, pp. 275-298; L. BERROCAL-RANGEL, *Los pueblos célticos del Suroeste de la Península Ibérica*, Madrid, 1992, pp. 59 y 317.

³ P. PANIEGO DÍAZ, *Arqueología y Territorio del Cerro de Guruviejo (Burguillos del Cerro, Badajoz)*, Madrid, 2015, pp. 35 y 89-90; «(Re)descubriendo el Pa-

de las dos piezas que a continuación se presentan.

683 – Pieza de San Coronado

En el lugar del hallazgo de la pieza se han descubierto restos de diferentes cronologías, que van desde un edificio de filiación romana hasta una ermita moderna con abundantes materiales antiguos reutilizados, así como unas posibles sepulturas tardoantiguas-altomedievales.

La pieza (FIG. 1) es un fragmento amorfo de mármol del que se conservan aproximadamente 30 x 23 cm, con un grosor de 12 cm, estando la cara epigrafiada pulida. Presenta letras capitales cuadradas de buena factura.

LIIAV

684 – Pieza de Fuente Nueva⁴

Procedente de la Fuente Nueva, sita en un paraje situado un kilómetro del casco urbano de Burguillos del Cerro. También se encuentra a una distancia similar del sitio del San Vicente, lugar con una amplia ocupación en el que han sido descubiertas diversas piezas inscritas, así como una sepultura y donde en la actualidad se conservan los restos arruinados de una ermita medieval-moderna⁵. El hallazgo de la pieza se produjo mientras se realizaban labores agrícolas⁶ en un sitio donde no hay constancia de la existencia de sitios arqueológicos. Por lo tanto,

trimonio arqueológico de Burguillos del Cerro (Badajoz). Algunas notas sobre viejos y nuevos hallazgos», en R. SEGOVIA SOPO (coord.), *Al-Andalus y la Historia en Jerez de los Caballeros y su entorno*, Badajoz, 2018, pp. 121-134. J. L. GÓMEZ-PANTOJA y P. PANIEGO DÍAZ «Una pareja de inscripciones burguillanas», *Ficheiro epigráfico*, 136, 2016, 566-567.

⁴ Nos gustaría agradecer la colaboración mostrada para el estudio de esta pieza a H. Gimeno, J. Gómez-Pantoja y, especialmente, a J. L. Ramírez Sádaba.

⁵ M. R. MARTÍNEZ «Inscripciones romanas de Burguillos», *BRAH*, 32, 1898, pp. 182-196, A. M. CANTO DE GREGORIO, *Epigrafía Romana de la Beturia Céltica (E. R. B. C.)*, Madrid, 1997, pp. 65, 83 y 87.

⁶ Antonio Requejo nos informó del hallazgo realizado por Manuel Díaz, quien nos permitió fotografiar la pieza.

es un hallazgo aislado y completamente descontextualizado.

Se trata de un ara de granito local, que ha perdido el zócalo y parte del dorso (FIG. 2). Tiene una longitud conservada de aproximadamente 60 x 30 cm. En el coronamiento, separado del dado por una moldura, se aprecia un *pulvinus* esquematizado (el derecho se ha perdido) y en el centro un *focus* circular rehundido (FIG. 3). En el dado se encuentra el campo epigráfico no enmarcado en buen estado de conservación. Las letras son capitales cuadradas de trazos algo descuidados.

IOVI SAC/RVM M/ONTAN/VS CLOVT[-] / S(*olvit*?)
V(*otum*) M(*erito*) L(*ibens*) A(*nimo*)

El dedicante, *Montanus*, sería un *peregrinus*⁷, siendo un antropónimo conocido en la zona⁸, como también lo es el de su padre⁹. Cabe señalar que sigue la tradición indígena de patronímico sin apelativo *filius*. Este sería un ejemplo más de la alta integración de las poblaciones indígenas en momentos muy tempranos tras el cambio de Era (*ibidem*) en esta área periférica de la provincia *Baetica*, limítrofe con *Lusitania*.

Respecto a la divinidad, cuenta en Burguillos del Cerro con dos dedicaciones más (Canto, o. c., p. 82). Ello la convierte, con hasta el momento tres piezas, en la más abundante de las localizadas dentro del término, que, como se ha señalado con anterioridad, ha sido identificado como el solar del *oppidum* pliniano de *Segida*.

PABLO PANIEGO DÍAZ

⁷ Idea sostenida asimismo por presentar nombre único.

⁸ En la misma cuenca del Ardila se documenta en una pieza hallada entre Higuera la Real y Encinasola. A. M. CANTO DE GREGORIO, o. c., pp. 128-129.

⁹ J. L. RAMÍREZ SÁDABA «Integración onomástica y social de los indígenas de la Beturia Céltica», *Paleohispanica*, 9, 2009, pp. 215-226.

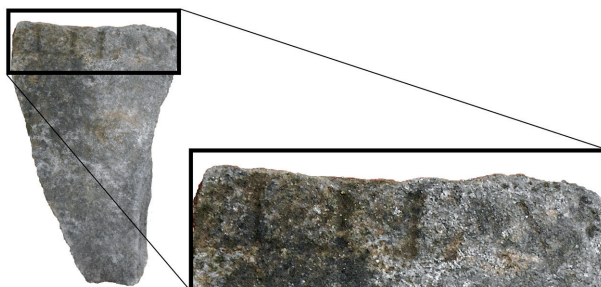


Fig. 1 - Pieza de san Coronado



Fig. 2 - Pieza de Fuente Nueva 1



Fig. 3 - Pieza de Fuente Nueva 2

683-684